



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
COLEGIADO DE LETRAS VERNÁCULAS

CRISTIANE DA SILVA GONÇALO QUEIROZ

A POESIA NA ESCOLA:

uma aprendizagem sem limite com o fazer poético.

JACOBINA

2012

CRISTIANE DA SILVA GONÇALO QUEIROZ

:

A POESIA NA ESCOLA:

uma aprendizagem sem limite com o fazer poético.

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Humanas- Campus IV, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Prof^a Patrícia Vilela da Silva

JACOBINA

2012

Folha de Aprovação

CRISTIANE DA SILVA GONÇALO QUEIROZ

A POESIA NA ESCOLA:

uma aprendizagem sem limite com o fazer poético.

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Humanas- Campus IV, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Profª Girleide Ribeiro Santos (UNEB)
Especialista em Língua Portuguesa

Profª Patrícia Vilela da Silva (UNEB)
Mestrado em Estudo de Linguagens

JACOBINA

2012

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e pela saúde concedida, pois sem elas jamais teria concluído este trabalho.

À minha família, que sempre almejou a minha vitória, às minhas filhas Bianca e Ana Júlia, que sem perceber me impulsionaram a dar mais um passo em minha vida.

Aos mestres, pois cada um contribuiu de forma significativa para o meu aprendizado em especial à Prof.^a Patrícia Vilela pela simpatia e paciência de ter permanecido comigo até os últimos momentos dessa jornada.

Aos colegas, pelo convívio, pela amizade, pelo aprendizado compartilhado.

*Poeta, não (é) somente o que escreve.
É aquele que sente a poesia,
Se extasia sensível ao achado
De uma rima, à autenticidade de um
verso.*

CORA CORALINA

RESUMO

Essa monografia busca analisar como o gênero poema está sendo abordado no livro didático; como o conteúdo literário representado no manual contribui para ampliar o interesse pela poesia; qual o grau de dificuldade dos alunos para ler, escrever e analisar textos literários; e quais os recursos metodológicos que o professor utiliza para trabalhar com a poesia em sala de aula. Usualmente, o ensino dos conteúdos de Literatura, especialmente de poesia, vem sendo realizado de maneira equivocada o que provoca o afastamento e aversão a esse tipo de leitura. Nesse trabalho reconhece-se e valoriza-se o papel do professor, na sua tarefa de promover a aprendizagem e perceber que ele precisa estar literalmente envolvido com a educação para que, de fato, possa contribuir para o aprendizado do aluno bem como para sua formação profissional, fazendo com que ele conheça melhor a si e o mundo em que vive.

Palavras-chave: Poesia – Livro Didático –Abordagem metodológica

ABSTRACT

This monograph seeks to analyze how gender is being addressed in the poem textbook; literary content as shown in the manual helps to broaden the interest in poetry, which is the degree of difficulty for students to read, write and analyze literary texts, and what resources methodology that the teacher uses to work with poetry in the classroom. Usually, the content of teaching Literature, especially poetry, is being conducted in a manner which causes the mistaken removal and aversion to this kind of reading. This work recognizes and appreciates the role of the teacher in their task of promoting learning and realize that he needs to be literally involved with education so that, in fact, may contribute to student learning as well as their training professional, so he knows better themselves and the world in which he lives.

Keywords: Poetry - Textbook-Methodological Approach

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Atividade proposta pelo livro didático	33
Figura 2- Atividade com música	35
Figura 3- Fragmentos de poemas	36
Figura 4- Uso de poemas no ensino gramatical	37
Figura 5- Atividade de produção. Gabriel R. da Silva.....	47
Figura 6- Atividade de produção. Misael Pinho.....	48
Figura 7 Atividade de produção. Luciana Reis.....	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 LER ESCREVER E POETAR.....	12
1.1 GÊNEROS TEXTUAIS, LEITURA E ESCRITA.....	12
1.2 A POESIA NO ÂMBITO ESCOLAR.....	19
2 O LIVRO DIDÁTICO.....	26
2.1 O ENSINO DE LITERATURA ATRAVÉS DO LIVRO DIDÁTICO.....	26
2.2 ESTUDANDO A POESIA COM CEREJA E MAGALHÃES.....	29
2.3 A POESIA NO LIVRO DIDÁTICO.....	32
3 VIVENCIANDO A POESIA NA ESCOLA.....	38
3.1 ESCOLA X POESIA.....	38
3.2 ALUNO X POESIA.....	41
3.3 PROFESSOR X POESIA.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS.....	54

INTRODUÇÃO

A escola, considerada como um espaço onde as práticas de leitura são, geralmente, iniciadas e devem ser indubitavelmente estimuladas para toda a vida, vem, de certo modo, sendo reflexo da cultura capitalista. Não é difícil notar na fala de muitos professores a preocupação no preparo de seus alunos para a competição estabelecida por essa corrida em busca de um lugar privilegiado nos vestibulares e outros concursos que visam selecionar pessoas para desempenharem alguma atividade.

Desse modo, ao adotar e incentivar a leitura de textos literários parece estar indo na contramão do mundo capitalista. Isso porque a literatura implica na desmistificação de uma busca apenas por informações, pois suspende os valores da lógica racionalista (ZAPPONE, 2005). No entanto, é através desse discurso e da forma como os textos literários são trabalhados que se percebe uma aversão à literatura, considerada por muitos como algo sem valor e muitas vezes, podem ser entendidos apenas como uma espécie de atividade lúdica ou como forma de descontração. Não obstante, ao se fazer uma reflexão sobre o ensino da poesia, pode-se perceber que nos tempos modernos ela está ficando cada vez mais distante do ambiente escolar.

Portanto, diante dos inúmeros benefícios que a poesia proporciona ao indivíduo e da sua valorização dentro dos currículos e diretrizes educacionais, é preciso entender por que ela é tão marginalizada nas escolas? Por isso, inquieta-me saber como está sendo trabalhada a leitura de textos literários, principalmente o gênero poema, que Pinheiro (1995) também afirma estar cada vez mais ausente da sala de aula.

É pensando nesses percalços, que é proposta uma reflexão das práticas escolares e das estratégias utilizadas pelos professores para garantir que seus alunos se apropriem da leitura e da escrita. Portanto, nessa pesquisa será estudado o gênero poema, para melhor compreender a problemática dessa marginalização no ambiente escolar, cujo objetivo principal é analisar como esse gênero vem sendo

trabalhado no livro didático de português especificamente o livro didático *Português: Linguagens: volume 1*, do ensino médio, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

Seguindo essa proposta, esse trabalho foi dividido em três capítulos, com o intuito de repensar as práticas docentes sobre o ensino de textos literários. Portanto, no primeiro capítulo foi realizada uma abordagem teórica sobre gêneros textuais, leitura e escrita, mostrando a sua respectiva importância para a formação da cidadania, apontando resultados de projetos e pesquisas realizados para estimular o hábito da leitura e o acesso aos livros, como também descobrir os reais motivos que levam as pessoas a ler ou se distanciar do universo cultural. Entretanto, esse capítulo é encerrado com uma reflexão sobre a poesia na escola, como esta vem sendo utilizada na sala de aula, mostrando através de pesquisas realizadas por autores como Magda Soares, Mirian H. Y. Zappone, Helder Pinheiro, Marisa Lajolo, entre outros o uso inadequado da poesia nas escolas.

Dando sequência a esse trabalho, o segundo capítulo trata do ensino de literatura nos livros didáticos, como eles têm ajudado professores e alunos no processo ensino/aprendizagem, tendo como foco averiguar como o gênero poema está sendo apresentado nesses livros e, de maneira específica, no livro didático *Português: Linguagens: volume 1*, do ensino médio, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

Para finalizar, o terceiro capítulo relata experiências do Estágio III e IV, este último, por sua vez, aponta resultados de uma pesquisa feita com os alunos do 1º ano do Ensino Médio para averiguar, a partir das informações obtidas, o grau de conhecimento literário dos alunos, bem como a aceitação com o trabalho de produção poética.

1 LER, ESCREVER E POETAR

“A poesia sensibiliza qualquer ser humano. É a fala da alma, do sentimento. É preciso ser cultivado”.

Afonso Romano de Sant’Anna

1.1 GÊNEROS TEXTUAIS, LEITURA E ESCRITA

O registro da língua materna foi e continua sendo o mais valioso e eficiente instrumento de acesso ao patrimônio sociocultural de que o homem deve apropriar-se para construir o seu lugar no mundo. Portanto, ler e escrever são práticas importantes na vida do ser humano “é indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita” (LERNER, 2002, p. 73).

Historicamente, educadores, pais e a sociedade em geral veem na leitura múltiplas possibilidades de desenvolvimento cultural e intelectual por quem a pratica. No entanto, alguns estudiosos da área, a exemplo de Zappone (2005), afirmam que a busca pela leitura atualmente tem sido algo muito pragmático, isto é, as pessoas, principalmente no Brasil, leem pela necessidade de buscar uma informação e não porque a leitura seja uma atividade que lhes dê prazer. Isto se deve ao fato de estarmos no período em que o capitalismo impera e desse modo, a competição por um lugar nesse concorrido mundo sugere que ler, sem a finalidade de encontrar informações que lhes auxiliem de imediato, é uma perda de tempo, proporcionando a valorização de certos tipos de textos em detrimento de outros.

Nessa perspectiva, Zappone (2001) afirma que a mídia transmite imagens positivas sobre a leitura, quando considera que é através dela que os sujeitos alcançarão o sucesso econômico e social, capaz de transformar as pessoas em seres humanos melhores como também contribuir para a paz internacional (apud

ZAPPONE, 2005, p. 179). Entre os objetivos da leitura citados anteriormente pela mídia, alguns desses benefícios também podem ser notados pela Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394/96, Art. 35, no Inciso III que reforça o *aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico* (Brasil, 2006).

Como se vê, a leitura deve ser compreendida como formadora de pessoas críticas, capazes e preparadas para a vida, e ainda, como uma das formas pela qual o ser humano interage com o outro, ajudando a compreender melhor o mundo que nos cerca. Assim, a leitura não pode ser vista apenas como uma simples decodificação de sinais ou simplesmente a reprodução de um saber já construído, pois Helena H. Nagamine Brandão e Guaraciaba Micheletti (2007) afirmam que:

A leitura como exercício de cidadania exige um leitor mais privilegiado, de aguçada criticidade, que, num movimento cooperativo, mobilizando seus conhecimentos prévios (linguísticos, textuais e de mundo), seja capaz de preencher os vazios do texto, que não se limite à busca das intenções do autor, mas construa a significação global do texto percorrendo as pistas, as indicações nele colocadas. E, mais ainda, que seja capaz de ultrapassar os limites pontuais de um texto e incorporá-lo reflexivamente no seu universo de conhecimento de forma a levá-lo a melhor compreender seu mundo e seu semelhante. (*apud* CHIAPPINI, 2007, p.22).

Nessa perspectiva, a leitura de textos literários pode contribuir para essa formação, até porque, de acordo com Brandão e Micheletti (2007), a literatura apresenta um discurso que permite ao leitor liberar a sua imaginação e emoções, ativando o lado cognitivo de forma a produzir conhecimento. Dessa forma, a literatura também exerce o poder de estimular a prática da liberdade e de envolver o sujeito leitor em novas situações reflexivas sobre o mundo, a vida e seu semelhante, Haqira Osakabe afirma isso quando diz que ela “favorece o desenvolvimento de um comportamento mais crítico e menos preconceituoso diante do mundo” (*apud* BRASIL, 2006, p.49).

Nesse sentido, vale a pena lembrar que estimular a leitura com textos literários, significa deixar os alunos inteirados com a realidade, pois a Literatura, segundo Antonio Cândido:

Desempenha uma função de conhecimento do mundo e do ser, além de propiciar uma formação ampla para o leitor, baseada não nos preceitos da pedagogia oficial, mas no conhecimento/experimentação vivenciados pelo

leitor ao adentrar o mundo ficcional criado através dos textos literários (*apud* ZAPPONE, 2005, p. 183).

Assim, a escola sente a necessidade de contribuir com os seus alunos no fomento de conhecimentos, para que estes obtenham êxito em suas carreiras profissionais. Até porque, esse é um dos objetivos que levam pais desde cedo a colocarem seus filhos em um ambiente escolar: com o pensamento no futuro e com o discurso já conhecido de todos: “estude muito, leia bastante para que no futuro você seja alguém na vida”. Conseqüentemente, esse é um dos discursos que mantém ou fazem com que as pessoas cheguem até uma sala de aula. Porém, quando se trata de leitura, é papel da instituição estimular e procurar trabalhar os diversos tipos de textos, verbais e/ou imagéticos, assim como suas respectivas linguagens e suas várias possibilidades de leituras, assim como, recorrer a fontes diversas de informação para adquirir mais conhecimento.

É sabido que a leitura e a escrita transcendem em benefícios na vida do aluno sendo a escola um espaço privilegiado para promover experiências e estratégias para garantir a execução dessas habilidades. No entanto, Délia Lerner (2002) considera desafiante para a escola incorporar todos os alunos à cultura do escrito, e conseguir que todos eles cheguem a ser membros plenos da comunidade de leitores e escritores quando saírem da escola. Portanto, desenvolver o hábito de leitura no corpo discente é um desafio muito grande para os professores, até porque é preciso repensar sobre os meios mais eficazes para a constituição desses sujeitos levando-os a refletir sobre os meios de produção favorece a inserção de todo e qualquer indivíduo em uma sociedade.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a escola tem um papel relevante em trabalhar esses sujeitos, a fim de norteá-los para formação da cidadania. Entretanto, não basta saber ler e escrever, é preciso dominar a língua para participar da vida em sociedade pelo uso da linguagem. Assim, escolhendo as palavras certas para cada tipo de discurso, as pessoas se comunicam, trocam opiniões, tem acesso às informações, protestam e produzem cultura.

Com base nesses pressupostos, para cumprir com esses objetivos, os PCNs, afirmam que os textos escritos devem ser trabalhados de forma a estimular o uso livre da linguagem, bem como despertar a criticidade e favorecer a socialização, conforme citação a seguir:

Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada. (BRASIL, 1998, p. 24)

Entretanto, desenvolver o senso crítico no aluno e fazê-lo refletir sobre os textos trabalhados em sala, requer mais compromisso e empenho dos professores da escola. A colombiana Yolanda Reyes, especialista em fomento à leitura e formação de leitores, afirma que estimular a leitura e trabalhar com a literatura no espaço escolar, não é uma tarefa apenas do professor da disciplina de Língua Portuguesa, e sim de todos, segundo ela,

Ler tem a ver com o mundo da informação das diversas ciências e campos do conhecimento, com conectar coisas, saber como outras pessoas resolveram problemas, o que sentiram e o que viram, inclusive as que viveram há muito, muito tempo (REYES, 2012, p. 41).

Observa ainda, que de acordo com sua experiência com a formação de leitores os jovens estão mais aptos a lidar com a leitura para se comunicar no dia a dia, e não com uma leitura para decifrar a vida - que tem a ver com a literatura. E isso ocorre porque a leitura é conduzida na escola para fins qualitativos, que segundo ela, “vincula a literatura à aprendizagem memorizada e à ideia de que os livros precisam estar sempre ligados à escola e à obrigação de ler para fazer algo depois”. (REYES, 2012, p. 41).

Nesse prisma, os Parâmetros Curriculares são considerados como um instrumento de grande utilidade no processo educativo, servindo de apoio nas discussões pedagógicas, remetendo os educadores a repensar sobre a sua prática e, também orientam a escola a “viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los” (PCN, 2002). Dessa forma, percebe-se que não se trata apenas de saber ler e escrever, mas dominar uma linguagem que circula na sociedade através dos diversos textos que

dão acesso à informação contribuindo de forma significativa para a construção do conhecimento, e que também servem para refletir, protestar e produzir cultura.

Nesse íterim, os gêneros textuais têm essa finalidade, pois Bronckart (1999, p.103) afirma que “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (apud, MARCUSHI, 2002, p. 22). É assim que os gêneros textuais surgem, mediante a inserção dos sujeitos à vida cultural e social. Portanto, não se podem privar os alunos de terem contato com os gêneros que chegam renovados a cada momento com as novas tecnologias. É nesse sentido que se pode ampliar e diversificar as mais variadas formas de leitura, pois, segundo Isabel Solé (1998),

[...] a diversidade de textos com os quais nos deparamos, assim como mostrar por que é necessário, a meu ver, que um ou dois tipos de textos, considero que alguns textos são mais adequados que outros para determinados propósitos de leitura – assim como para determinadas finalidades de escrita – e que as estratégias que utilizamos para ler se diversificam e adaptam em função do texto que queremos abordar (SOLÉ, 1998, p.82).

Nesse sentido, torna-se necessário que o professor de Português estimule a interação entre o leitor e o texto para que este não seja entendido como um ato passivo. Assim sendo, promover situações e estratégias de leitura e escrita contribui para suscitar nos alunos o desejo de ler e escrever voluntariamente textos das mais variadas tipologias. Mikhail Bakhtin afirma que é muito importante ter conhecimento e domínio nos mais variados tipos de gênero, para que a comunicação oral e escrita estejam em perfeita harmonia, segundo ele,

É de acordo com nosso domínio dos gêneros que usamos com desembaraço, que descobrimos mais depressa e melhor nossa individualidade neles (quando isso nos é possível e útil), que refletimos, com maior agilidade, a situação irreproduzível da comunicação verbal, que realizamos, com o máximo de perfeição, o intuito discursivo que livremente concebemos (Bakhtin, 1997, p.304).

Nessa perspectiva, percebe-se a importância de dominar essas habilidades para despertar nas pessoas a liberdade de expressão, favorecer o desenvolvimento pessoal e a inclusão social, bem como buscar compreender melhor as situações que acontecem ao seu redor.

Dessa forma, políticas públicas e projetos são elaborados para instigar a leitura e o acesso aos livros, contribuindo para averiguar o comportamento das pessoas que têm o hábito de ler, como é o caso da pesquisa feita pelo Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe (CERLALC). Mediante essa pesquisa, pode-se mostrar o comportamento do leitor latino-americano para adquirir hábitos de leitura, bem como averiguar o que o aproxima ou o distancia dos livros, contribuindo para avaliar os resultados que se destinam a estimular o gosto pela leitura, possibilitando os ajustes necessários e identificando os pontos positivos e negativos do projeto para redefinir o método de trabalho.

Nessa pesquisa foram levados em consideração os aspectos sociais, culturais e econômicos dos países envolvidos. No entanto, com os resultados desses estudos, foi possível verificar os níveis de letramento e habilidades leitoras dos cidadãos dos países envolvidos por meio de uma pesquisa intitulada Retratos da Leitura no Brasil, convite feito pelo Instituto Pro-Livro, com o apoio da Associação Brasileira de Editores de Livros (ABRELIVROS), da Câmara Brasileira de Livros (CBL) e do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL).

Diante dos resultados obtidos na pesquisa, ficou explícito que no Brasil, Portugal, México e Chile, as pessoas leem para obter conhecimento e como forma de atualização cultural, ficando um percentual menor pelas exigências acadêmicas em especial no Brasil, Chile e Argentina.

Segue abaixo, o resultado geral da pesquisa na qual mostra o comportamento dos indivíduos, bem como a sua posição em relação à leitura, de acordo com Bernardo H. Jaramilo (2012):

“Quase metade da população estudada, indica ser “não leitora”. Isso se deve, segundo a pesquisa, à falta de interesse e a falta de tempo, este por sua vez, é preenchida pelos recursos audiovisuais como televisão, internet, tablets e outros;

“As leituras pelo prazer da mesma e por atualizar os conhecimentos são a primeira razão que têm os leitores da região”. Nesse sentido, emerge a necessidade de criar estratégias para estimular cada vez mais o interesse desses leitores, lembrando que a exigência acadêmica também contribui para esse fim;

“Os livros são os materiais de leitura preferidos na maioria dos países”;

“As livrarias continuam sendo o principal local de compra de livros”. Os lares são o local de preferência para a leitura, embora nos países onde os

motivos de leitura são as exigências acadêmicas, a escola e o colégio são os preferidos;

“A leitura por meios digitais está crescendo muito, embora ainda em pequena proporção, especialmente de livros. Isto pode estar influenciado pela pouca e quase inexistente oferta de livros por esse meio, e de um maior interesse editorial neste tipo de meio de leitura”;

“O número de livros que são lidos por ano continua sendo muito baixo. Existe uma forte correlação entre o nível de ensino e de renda, com a leitura de livros”. Sem dúvida um fator importante na evolução deste indicador, é o referente às políticas do estado a respeito disto (entrega de livros escolares sem custo, dotação de bibliotecas e comercialização de livros por baixo custo);

“No Brasil, Retratos da Leitura permite observar que a média de livros lidos pela população entre 5 e 17 anos é duas vezes maior que outros grupos segundo a idade”. (JARAMILO, 2012).

Nota-se que as desigualdades existentes no acesso ao livro são exorbitantes, sejam elas nos modos tradicionais como no âmbito digital. A partir dessa pesquisa (Retratos de Leitura no Brasil), os governos, por meio de políticas educativas e culturais poderão alavancar ferramentas importantíssimas para estimular o crescimento até mesmo o surgimento de novos autores, editores e leitores.

Nesse íterim, cabe à escola, no seu autêntico sentido, seja enquanto processo de humanização e personalização, de construção de identidade e cidadania, com seu papel social, estimular e propiciar oportunidades para o alunado desenvolver suas habilidades tanto na escrita quanto na oralidade, conforme é mostrado nos Parâmetros Curriculares (BRASIL, 2001, p. 55) cujo objetivo é o de capacitar os sujeitos na compreensão dos diversos textos que circulam na sociedade e proporcionar condições para que eles tenham acesso a esse material, para que dessa forma seja possível formar bons leitores e incentiva-los a ler de forma contínua para despertar a consciência crítica do estudante e que não seja apenas na sala de aula, mas também, fora dos muros escolares.

1.2 A POESIA NO ÂMBITO ESCOLAR

Ao fazer um breve histórico da educação literária brasileira, é notável que o afastamento da poesia em sala de aula vem de muitos anos, como mostra a pesquisa realizada por Razzini sobre o ensino de literatura e língua no Brasil que, a partir da análise dos dados nos programas de ensino do Colégio Pedro II confirma o uso inadequado da poesia nas escolas:

Razzini (2000) evidencia que a leitura de textos literários e, especialmente da poesia, seguiu, durante décadas, um princípio pragmático: lia-se com a intenção de aprender com os autores consagrados a escrita, a gramática e, em alguns momentos civismo, geografia e regras de convívio social. (ZAPPONE, 2005, p.185)

Dessa forma, o aluno dificilmente irá se encantar com a leitura de textos poéticos e sentir a especificidade que essas leituras proporcionam, o que implica em uma mudança profunda na metodologia do professor na busca de possíveis soluções para os problemas encontrados ao trabalhar com esse gênero textual.

Um levantamento feito nos programas do Colégio Pedro II, o mais renomado colégio brasileiro, que serviu de modelo para outras instituições do país, Razzini verificou que em 1838, período colonial, até o ano de 1971, já era notável a importância dada à disciplina Retórica e Poética enquanto a introdução da literatura nacional nos programas do colégio citado foi adiada, e somente pôde ser estudada, no ano de 1857. Diante dos fatos, observa-se, no entanto, que a pouca importância dada à poesia, deve-se ao fato de ela estar relacionada com a história de sua defasada leitura nas escolas brasileiras.

Nesse contexto, não se pode negar que a leitura e a escrita devem ser concomitantemente estimuladas e valorizadas, para que ao longo da vida estudantil o aluno não ingresse numa faculdade com deficiência de produção e leitura. Mas, será que a escola está de fato trabalhando os gêneros textuais, e assim, garantir às pessoas que deles dependem o contato “adequado” às diversas formas de leituras

necessárias para uma boa formação do indivíduo? Como a escola trabalha, por exemplo, com textos literários e, mais precisamente, em especial a poesia? Pois, Magda Soares adverte para o uso inadequado da poesia, nas práticas escolares, conforme é mostrado abaixo:

- a) *alteração dos gêneros dos poemas que são transformados em textos em prosa, desrespeitando-se a forma em verso tal como foram originalmente criados;*
- b) *a leitura de poemas com se fossem textos referenciais, informativos;*
- c) *utilização dos textos poéticos como porções de linguagem a serem analisadas em seus aspectos gramaticais, ortográficos ou lexicais, tais como exercícios que solicitam destacar, nos poemas, seus adjetivos ou substantivos ou qualquer outro aspecto gramatical;*
- d) *Utilização descontextualizada da poesia, ou seja, apresenta-se aos leitores apenas partes das mesmas, de modo incoerente e fragmentado, sem que o leitor possa ter acesso ao texto completo;*
- e) *inapropriação na seleção de textos e autores que, quase sempre, são restritos aos mesmos nomes e textos ;*
- f) *desenvolvimento de atividades de leitura que não se voltam para o texto, para seus aspectos de textualidade, de literariedade, enfim, para seu(s) sentido (s) (apud ZAPPONE, 2005, p. 198).*

É através dessas práticas, dos usos irregulares no que se refere à leitura poética, que o interesse dos alunos para esse tipo de texto torna-se distante. Porém, cabe ao professor, mudar suas práticas, para resgatar de seus alunos, o gosto e o prazer de ler poesias e contribuir para a formação de leitores capazes de perceber suas peculiaridades e construir sentidos.

Nessa perspectiva, dentre os diversos gêneros literários trabalhados nas instituições escolares, a poesia merece especial atenção que, segundo Jonathan Culler há um tipo de linguagem que exige reflexão para o entendimento do todo, conforme é mostrado abaixo:

Assim, não é que a relação entre diferentes níveis de linguagem sejam relevantes apenas na literatura, mas que, na literatura, é mais provável que procuremos e exploremos as relações entre forma e sentido ou tema e gramática e, tentando entender a contribuição que cada elemento traz para o efeito do todo, encontremos integração, harmonia, tensão ou dissonância (CULLER *apud* ZAPPONE, 2005, p.182).

A exigência de concentração e relação que o indivíduo precisa exercer na leitura de um texto literário pressupõe que esse mesmo texto prepara o leitor para o

entendimento do universo, isto é, do mundo real e também para o discernimento do mundo da ficção (imaginário).

Portanto, a linguagem sonora existente nesse tipo de texto, que é diferente da qual usamos no cotidiano, leva o leitor a fantasiar e fazer uma relação entre as palavras e o mundo em que vive que, segundo Aparecida Paiva é uma “*poderosa fonte de formação de sensibilidades e de ampliação de nossa visão de mundo*”. (apud CARVALHO, 2006).

Como se vê, o estudo do gênero poesia no âmbito escolar é de grande relevância na vida estudantil, pois é através dessa leitura que se consegue descortinar o mundo no qual vivemos, onde o aluno poderá expressar seus pensamentos, reivindicar seus direitos e criar um mundo no qual pretende viver.

Mesmo sabendo da importância da leitura poética para a humanidade, muitas escolas não dão a atenção necessária para esse tipo de estudo, principalmente nas séries iniciais, as quais deveriam ter uma atenção diferenciada, pois quanto mais cedo se trabalha poesia em sala de aula ou fora dela, mais cedo se adquire o hábito de ler e contemplar a poesia. Como afirma Maria Angélica Freire Carvalho no trecho abaixo:

Constatar que as crianças, de modo geral, são poetas significa considerar a experiência linguística, lúdica e poética que possuem antes mesmo de entrarem para a escola, experiência esta revelada pela oralidade, pela sonoridade e pelos jogos de palavras que criam, passando a constituir seu repertório presente nas cantigas, nas quadrinhas rimadas, ritmadas e em outras criações verbais tão próprias dessa fase de suas vidas (CARVALHO, 2006, p. 151).

Nesse prisma, embora a literatura infantil proporcione um momento recreativo de alegria e prazer, ela cultiva valores para facilitar a vida em sociedade e ajudar no desenvolvimento do raciocínio e da inteligência, pois sua função primordial, segundo Gloria Pimentel Correia Botelho Souza (2006, p.54), “é despertar, na criança e no jovem, o gosto pela leitura e permitir-lhes um contato com a realidade que os cerca”.

Vale ressaltar que a literatura infantil surgiu concomitante com a pedagogia e, durante muito tempo, foi desvalorizada e marginalizada por estar direcionada ao público mirim e por ter como finalidade principal sua orientação moral, servindo de instrumento pedagógico para atender à demanda da sociedade burguesa e ensinar

os valores necessários à criança para que esta pudesse ser inserida na sociedade. Hoje, essa mesma literatura ganha uma nova roupagem, passando a ter um discurso estético, nacionalista contribuindo para o desenvolvimento da criticidade das crianças. Assim, Souza afirma que:

Houve uma exploração maior da sonoridade das palavras e do ritmo. A ludicidade e a metalinguagem foram inseridas no fazer poético. A temática abrangia desde a exaltação da natureza e a valorização do sentimento pátrio até a discussão de novos valores. Tudo revestido de muita ironia e muito humor (SOUZA, 2006, p. 90).

Ao repensar sobre o processo de leitura da poesia, conforme Zappone (2005, p. 185) a educação literária vem sofrendo consideráveis alterações nos modos de leitura, o suficiente para refletir de modo negativo no ensino de literatura e de poesia nos dias atuais.

Nessa perspectiva, de acordo com as informações obtidas através de uma pesquisa realizada com professores de várias regiões do Brasil, verifica-se que a leitura de poesia vem sendo, cada vez mais, relegada a um segundo plano, devido a profusão de textos encontrados nos livros didáticos, dos mais variados gêneros, como: bulas, cartas, receitas, cartazes e outros, utilizados como forma de articular uma prática de leitura dentro e fora da escola, que podem ser nitidamente observados nos livros didáticos. Nesse sentido, nota-se que “a poesia enquanto gênero textual representa um percentual muito pequeno dos textos selecionados pelos professores para a leitura em sala de aula” (apud ZAPPONE, p. 185).

Nesse ínterim, a poesia é um tipo de texto considerado primordial para a formação do sujeito, porém, não é valorizada da forma como deveria. No entanto, de acordo com Marisa Lajolo (1993, p. 41), há uma discrepância muito grande entre a escola e o uso das poesias em sala de aula, devido à escassez bibliográfica que já vem de muitos anos, salvo por alguns poetas como: Olavo Bilac através das *Poesias infantis*, Francisca Júlia e Júlio da Silva com *Alma infantil*, entre outros. Podemos dizer que havia sim, muitas obras escritas, porém de má qualidade, que ao invés de educar e despertar o gosto pela leitura poética afastava as crianças da pureza, beleza e prazer que a poesia proporciona.

Lajolo afirma ainda que a qualidade do texto a ser trabalhado com os alunos é de grande relevância, mas não basta, pois deve existir uma interação entre o leitor e

o texto, ou seja, “*precisam participar de uma mesma esfera de cultura*” (LAJOLO, 1993, p. 45). Porém, a forma como se trabalham os poemas em sala de aula, se distancia de uma leitura descontraída e prazerosa porque os elementos que são trabalhados não são considerados essenciais, pois difere do que seria uma análise poética, transformando-a em algo repetitivo, reprodutor ou enfadonho.

Nesse prisma, a autora nos remete a uma reflexão, no que diz respeito à forma em que os textos poéticos devem ser conduzidos. Torna-se necessário realizar inúmeras interpretações, para que assim os alunos possam sentir mais próximo de si, o significado geral do texto, e que tanto os exercícios quanto as atividades contribuam para aproximar o conteúdo que está sendo estudado com a realidade do grupo.

Nesse sentido, a literatura é um modo discursivo que jamais deverá ficar à margem dos currículos escolares, pois ela deve fazer parte do mundo de leitura de nossas crianças, jovens e adultos, e certamente, a escola precisa incentivar esse tipo de leitura, haja visto que através da literatura, segundo Cândido (1972), o leitor pode:

Preencher sua necessidade de fantasia, desempenhando uma função psicológica; é capaz de ampliar as percepções do leitor sobre o mundo e sobre seus iguais, no que desempenha uma função de conhecimento do mundo e do ser, além de propiciar uma formação ampla para o leitor, baseada não nos preceitos da pedagogia oficial, mas no conhecimento/experimentação vivenciados pelo leitor ao adentrar no mundo ficcional criado através dos textos literários (*apud* ZAPPONE, 2005, p. 183).

Desta forma, parece que ler poesia ou outros gêneros literários leva ao desencontro do modelo capitalista, devido às exigências do mercado de trabalho, regido pela produtividade e aumento de capital. Porém, de acordo com Zappone, não é bem assim, pois tanto a leitura da literatura quanto da poesia desmistifica esse preconceito formado pela lógica racionalista através de dois aspectos importantes a serem analisados:

a) *pelos processos cognitivos que esse tipo de leitura requer. Por se tratar de um tipo de construção verbal no qual as palavras produzem arranjos especiais de linguagem, o leitor precisa associar elementos variados do texto a fim de encontrar os tipos de relação que estabelecem entre si e o mundo neles criados, formulando hipóteses, inferindo, atividades cognitivas que acontecem na leitura de textos referenciais também, mas que são mais presente na leitura do texto literário;*

b) *pelo modo de relação estabelecida entre leitor/texto que não é mais regida por um interesse a priori, mas por um impulso de sentir, ver e fruir o mundo por um olhar ainda desconhecido, proposto pelos múltiplos caminhos ensejados no objeto estético chamado literatura.* (ZAPPONE, p.184)

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a escola pode e deve ser um lugar em que a convivência com a poesia aconteça de fato. Ela é um dos gêneros literários que precisa ser mais explorado em sala de aula, e é por isso que se faz necessário a utilização de vários textos poéticos para desenvolver habilidades de interpretação, das competências leitoras e da plena capacidade linguística da criança e do adolescente permitindo ainda, o contato com diferentes autores e estilos e o exercício da capacidade de sentir e conhecer o que é poético.

Buscando refletir a qualidade do ensino mais especificamente ao uso da poesia, a forma como ela está sendo trabalhada nas escolas, torna-se inquietante saber que os estudos feitos por pesquisadores confirmam o declínio da literatura em sala de aula, pois Patrícia Colavitti Braga¹ afirma que *“o ensino da Literatura está tangenciado por uma crise, a qual é ocasionada de um lado por estratégias de ensino inadequadas e, de outro, pelo advento da cultura de massas e seus pseudo (ou não) benefícios”* (BRAGA, 2006, p. 1).

1

O poema em si proporciona inúmeras possibilidades de leitura, sejam elas por meio da memorização e recitação nos encontros comemorativos, por meio de exercício para mostrar habilidades na leitura com uma função apenas de decodificação das palavras, ajuda a refletir e questionar sobre o sentido que um poema produz ou simplesmente, contemplá-lo pelo ritmo e sonoridade que possui. Porém, a leitura de um poema requer maior complexidade do que uma simples decodificação de sinais gráficos, vai muito mais além do que recitar ou declamar, que de acordo com Zappone, para *deslindar* o poema, portanto:

É preciso acionar conhecimentos de ordem textual (conhecimentos linguísticos, conhecimento sobre os textos), mas também e, fundamentalmente, o conhecimento que o leitor possui sobre a vida, sobre

¹ Mestrado em Teoria Literatura pela Unesp. Doutoranda em Linguagem e Educação pela USP – São Paulo. Professora e Coordenadora da Extensão Universitária na Uniceres – São José do Rio Preto.

os relacionamentos humanos, sobre os sentimentos humanos, sobre a sociedade em geral etc (ZAPPONE, p.190).

Assim, também não se devem trabalhar poemas especificamente para a classificação de épocas ou estilo, mas, proporcionar ao alunado a capacidade de interpretar e compreender a mensagem que o poeta transmite entre os versos, utilizando estratégias lúdicas utilizando recursos tecnológicos para estimular o gosto pela escrita e ajudá-los a produzir seus próprios poemas, fazendo com que eles percebam que escrita é uma ferramenta importantíssima para expressar os pensamentos e aproximá-los da linguagem poética. E, para que isso aconteça de fato, cabe aos professores estarem preparados para enfrentar as mudanças sociais e comportamentais que as novas tecnologias e o mundo globalizado proporcionam.

2 O LIVRO DIDÁTICO

2.1 O ENSINO DE LITERATURA ATRAVÉS DO LIVRO DIDÁTICO

O Livro Didático de Português ou abreviadamente LDP, segundo Maria Auxiliadora Bezerra (2005), é um livro organizado por unidades, que contém conteúdos e atividades previamente preparados e prontos para serem utilizados pelos professores e alunos na sala de aula, sendo muitas vezes o único material didático disponível, aderido na maioria das escolas brasileiras. Sobre isso, sabe-se que:

O feitio que têm os livros didáticos hoje (com textos, vocabulário, interpretação, gramática, redação e ilustrações) surgiu no fim dos anos 60, vindo a se consolidar na década de 70, início da expansão editorial desse tipo de livro, que na década de 80 chegou a aproximadamente 20000 títulos e, na de 90, em torno de 25000 (*apud* BEZERRA; DIONISIO, 2005, p.35).

Diante dessas informações que apontam a ascensão do livro didático no Brasil, podemos perceber que houve uma contribuição de forma significativa para aprimorar o aprendizado do aluno de escolas públicas, pois, devido à sua variedade de conteúdos tornou-se possível levar o conhecimento às crianças de classe menos favorecida. Assim, não se pode negar que o LDP foi e continuará sendo uma ferramenta importantíssima para a formação do aluno no processo ensino/aprendizagem, salvo que haja algumas mudanças na maneira de como se utiliza esse material. Dessa forma, competir com o mundo informatizado e, verdadeiramente marcado pela comunicação eletrônica requer muito além do que o livro didático pode oferecer, pois hoje, ele poderia estar servindo apenas de apoio para os professores na seleção de conteúdos a serem estudados com os alunos durante o ano letivo.

É válido ressaltar que o livro didático é um material utilizado na maioria das escolas do Brasil, pois como afirmam Silva et al (2007), “ele se coloca como um grande modelo que deve ser seguido do Norte ao Sul do país, suprimindo a voz do

professor, que por sua vez suprime a voz e as inquietudes do aluno, não deixando acontecer o cidadão/leitor que pretendemos” (*apud* CHIAPPINI, 2007, p. 35). Nessa perspectiva, pode-se perceber que o manual didático é um material que apresenta o resultado da leitura de um autor que, por vezes, passa a ser uma única fonte de pesquisa para muitos professores e alunos, deixando para trás uma conjuntura de obras ou livros que ampliem o estudo da linguagem e os estimule a sentir o prazer da leitura, atribuindo significados aos diversos textos.

Nesse sentido, percebe-se que o conteúdo encontrado nos livros de Língua Portuguesa, tanto no Ensino Médio quanto no Fundamental deixam lacunas que precisam ser preenchidas, pois de acordo com Luiz Antonio Marchuschi (1997) “os livros didáticos continuam enfadonhos pela monotonia e mesmice, sendo todos muito parecidos” (*apud* BEZERRA; DIONISIO, 2005, p. 48) e a sua fragilidade se resume na falta de atualização para adequá-lo aos tempos modernos, até porque, a sociedade da qual fazemos parte valoriza a leitura para obter informações remetendo à *práxis utilitária imediata*. Mesmo assim, não se deve descartar a existência do livro didático, mas analisá-lo de maneira proficiente para ver como ele está na atualidade e quais estratégias poderão ser utilizadas para que de fato, ele seja considerado mais eficaz.

Nessa perspectiva, verificar como o livro didático de Língua Portuguesa está sendo elaborado para fomentar a leitura e a escrita, principalmente o gênero poema e de que forma os conteúdos são trabalhados nas escolas, são questões que precisam ser esclarecidas. Delia Lerner afirma que:

É necessário [...], mostrar – da maneira mais acessível que se encontre – quais são as práticas escolares que deveriam mudar, para se adequarem aos conhecimentos que temos hoje sobre a aprendizagem e o ensino da leitura e da escrita, assim como mostrar os efeitos nocivos dos métodos e procedimentos tradicionais que são tão “tranquilizadores” para a comunidade, e tornar públicas as vantagens das estratégias didáticas que realmente contribuem para formar leitores e escritores autônomos (LERNER, 2002, p. 43).

Vale lembrar que há muito tempo atrás, a Literatura teve o seu devido valor, ao ponto de ser considerada um dos pilares da formação burguesa humanista, fazendo parte da tradição letrada e ainda, segundo as Orientações Curriculares para

o Ensino Médio (BRASIL, 2006), apesar de muitas vezes os textos literários servirem apenas para reforçar o estudo da gramática,

Passou a ser tomada como sinal distintivo de cultura (logo, de classe social): ter passado por Camões, Eça de Queiroz, Alencar, Castro Alves, Euclides da Cunha, Rui Barbosa, Coelho Neto e outros era demonstração de conhecimento, de cultura (BRASIL, 2006, p. 51).

Contudo, nesse mesmo documento (BRASIL, 2006) se afirma que as práticas escolares de leitura literária favorecem a formação do leitor literário por conta de obras ficcionais apresentadas no ensino fundamental. Nesse sentido, os alunos têm a oportunidade de ler livros de diversos autores, tanto de ação quanto de aventura, contribuindo de forma significativa para estimular o hábito de ler, sabendo que se trata de um tipo de leitura atraente para jovens e principalmente nessa faixa etária. Portanto, ainda de acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006), os alunos quando chegam ao Ensino Médio deveriam estar mais preparados para estudar textos da cultura literária, até porque proporciona o estudo de outras modalidades (hip-hop, letras de música, cordel, etc) e os aproximam cada vez mais da realidade de cada um. Porém, não é assim que acontece, pois,

Constata-se, de maneira geral, na passagem do ensino fundamental para o ensino médio, um declínio da leitura de textos ficcionais, seja de livros da Literatura infanto-juvenil, seja de alguns poucos autores representativos da Literatura brasileira selecionados, que aos poucos cede lugar à história da Literatura e seus estilos (BRASIL, 2006, p. 63).

Nesse prisma, fragmentar as obras e utilizar poemas de maneira isolada, entre outras práticas da leitura literária encontradas na maioria dos manuais didáticos, conforme será mostrado no próximo capítulo, provoca o afastamento e aversão à Literatura. Em outras palavras, os textos não são trabalhados da forma como deveriam e estão muito aquém da especificidade de uma leitura poética. Assim, esses percalços, tão característicos do Ensino Médio, confirmam o distanciamento existente nas realizações dessas leituras, sobre as quais se cristalizam práticas tradicionais, conforme é apontado por Haquira Osakabe e Enid Yatsuda Frederico (2004):

- a) Substituição da Literatura difícil por uma Literatura considerada mais digerível;
- b) Simplificação da aprendizagem literária a um conjunto de informações externas às obras e aos textos;

c) Substituição dos textos originais por simulacros, tais como paráfrases ou resumos (apud BRASIL, 2006, p. 64).

Nessa perspectiva, pode-se perceber que essa aceitação irrestrita da forma como se trabalha a literatura na escola contribui para o desencontro entre o leitor e a experiência estética que esses textos proporcionam, impossibilitando a disseminação de sentidos, não deixando acontecer o contato direto que o aluno teria com o texto literário devido a situações explicitadas acima.

Portanto, a experiência estética e a *fruição* da literatura só poderão acontecer quando o professor puder proporcionar aos alunos os estímulos necessários que se inicia no Ensino Fundamental e trabalhar para que ele não se perca no Ensino Médio, pois é o que acontece nessa segunda etapa do ensino, quando os conteúdos são estudados com outros objetivos mais pragmáticos, o que distancia para formação de novos leitores.

Assim, diante do advento das novas tecnologias, inquieta-me saber como o livro didático de Língua Portuguesa está configurado para atender a carência literária dos estudantes? Como esses livros abordam a poesia?

É diante de tais questionamentos que suscita a ideia de analisar um livro didático de Língua Portuguesa e saber se os conteúdos literários que esses livros abordam são suficientes para garantir o aprendizado e despertar o interesse pela leitura literária.

2.2 ESTUDANDO A POESIA COM CEREJA E MAGALHÃES

Pensando no trabalho específico de análise e reflexão literária, e tendo em vista a importância de estudar a poesia em sala de aula e os seus inúmeros benefícios que vão além da preparação do aluno para recitar ou declamar mecanicamente, procura-se discutir e analisar o livro de didático *Português: Linguagens: volume 1*, do Ensino Médio, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães para ver como o gênero poema está sendo abordado. O motivo

maior que levou à escolha desse livro foi justamente o fato de ter trabalhado com ele no Estágio IV, com turmas de 1º ano do ensino médio.

Nesse sentido, levando-se em consideração que o livro didático é uma das ferramentas de trabalho para estudar conteúdos nas escolas, analisá-lo de maneira cuidadosa é essencial para ver o quanto ele desperta ou não o gosto pelas leituras dos textos nele contidas. Portanto, o livro de Cereja e Magalhães apresenta uma organização estrutural comum à dos livros didáticos, como a proposição de atividades de leitura e interpretação do texto, estudo da língua e produção textual.

Dando continuidade ao processo de análise pode-se perceber que trata-se de um livro composto de quatro unidades, nas quais, são apresentadas uma lista de sugestões para a leitura de livros, vídeos, músicas e sites dando oportunidade para que os alunos ampliem o conhecimento incentivando-os à pesquisa e formar opinião sobre os conteúdos estudados utilizando várias fontes; e, trinta e seis capítulos sobre os quais se cruzam o estudo da língua e da literatura, sendo a literatura analisada de maneira especial.

Nesse sentido, ao folhear as primeiras páginas, encontra-se logo no primeiro capítulo, o título *Linguagem e Literatura* e um breve histórico para conceituar a literatura e mostrar a sua importância para a humanidade, pois de acordo com Cereja e Magalhães (2005) “Conhecê-la equivale a compreender um pouco de nossa história e de nossa condição humana”. Dessa forma, percebe-se que esses autores procuram mostrar que literatura e sociedade são indissociáveis. Assim, na primeira unidade, Cereja e Magalhães seguem abordando o estudo da língua e da literatura, sendo que ainda no primeiro capítulo é retratada a importância da linguagem, da comunicação e interação, bem como a variedade linguística (gírias e dialetos). Para cada conteúdo, seguem as atividades contendo tiras humorísticas, cartum, textos verbais e imagéticos, anúncios publicitários e poemas que servem para refletir sobre os conteúdos e fazer uma retomada histórica entre o texto e a realidade. Dessa forma, percebe-se que capacitar o estudante a ler o mundo com um olhar crítico e nele interferir é o desejo desses autores.

No segundo capítulo, com o título *Literatura: leitura e prazer* congrega textos com tipologias variadas, apresentação de imagens seguida de atividade de caráter subjetivo para que o aluno perceba a diferença entre um texto literário e um texto não literário. Abordam ainda, depoimentos com fotos de escritores e profissionais de várias áreas, falando da literatura, os quais são reforçados a sua importância. Nesse ínterim, pode-se perceber que a poesia vem sendo trabalhada para reforçar a sua relevância na vida do ser humano, e os autores Cereja e Magalhães fazem questão de frisar sempre, como é o caso da poesia de Murilo Mendes, conforme abaixo:

Poesia: o pão de todos

A poesia não pode nem deve ser um
luxo para alguns iniciados: é o pão
Cotidiano de todos, uma aventura sim-
ples e grandiosa do espírito (*apud* CEREJA; MAGALHÃES, 2005, p.26).

Assim, nos deixa claro que a poesia é tão importante quanto o alimento que ingerimos todos os dias. Assim, segue com uma atividade para refletir sobre a literatura fazendo um paralelo entre os depoimentos de profissionais de diversas áreas e a opinião dos alunos.

O terceiro capítulo tem como título *O que é literatura?* Nessa perspectiva, percebe-se que o estudo do texto literário na sala de aula está cada vez mais intenso no livro didático de Cereja e Magalhães. Assim, são mostrados trechos de obras literárias e relatos sobre a importância da poesia e da literatura, seguida de atividade.

Do quarto ao sexto capítulo há uma discussão sobre a natureza e a função dos textos, tendo como título *Introdução aos gêneros do discurso*, *A fábula* e *Introdução à estilística: figuras de linguagem* respectivamente, sendo que em cada capítulo também segue atividade complementar, poemas e trechos de obras sobre os quais se discutem os gêneros literários clássicos: épico, lírico, dramático; e os gêneros narrativos modernos que são: romance, novela, conto, crônica, roteiro de cinema, etc. e o estudo da língua, tiras, etc. Assim, percebe-se que existe uma variedade de textos e as atividades estão presentes continuamente em todo o livro.

No sétimo capítulo há uma discussão exclusiva sobre o gênero poema. De início nos deparamos com o poema *Cantigas esquecidas III* de Paul Verlaine, sobre

o qual, os alunos são estimulados a ler o poema em voz alta para que sejam observados os sons e o ritmo do texto, seguida de uma atividade contendo questões objetivas. Dessa forma, são mostrados as características do poema e os seus recursos musicais, bem como versos, estrofes, ritmo, rima, métrica ou a escansão dos versos além de outros recursos como a aliteração, assonância, paronomásia e paralelismo, a escansão dos versos seguidas de questões objetivas com função pragmática. Também se pode observar a variedade de poemas existente no livro, entre eles, os poemas concretos, que é uma forma diferenciada de se fazer poesia. Isso faz com que o conteúdo seja enriquecido com essa apresentação, mostrando as mais variadas formas de organizar os versos, e as formas que eles podem apresentar, fazendo explorar diferentes tipos de poemas, seguida de uma atividade em que os alunos são estimulados a criar seus próprios poemas e expor em um varal de poesias.

O oitavo capítulo inicia com uma discussão sobre a literatura portuguesa contextualizando com o período histórico do século XII e XVI, ou seja, durante a Baixa Idade Média e o Renascimento, onde se pretende mostrar que as primeiras manifestações literárias brasileiras seguem os modelos literários trazidos pelos colonizadores portugueses.

Do nono ao trigésimo sexto capítulo, vamos encontrar variados gêneros textuais, como teatro, carta, relato pessoal, receita médica, seminários, debates, artigos de opinião, como também, o estudo da língua e da literatura com textos literários, poemas, anúncios, etc. que mostra a abrangência do conteúdo e a variedade de gêneros literários apresentados neste livro didático.

2.2 A POESIA NO LIVRO DIDÁTICO

Diante dos entraves que os professores encontram nas escolas para realizar um bom trabalho na sala de aula é muito desafiador organizar a sua prática pedagógica para garantir o aprendizado. Dessa forma, a prática de análise do livro didático se torna essencial para a reflexão dos trabalhos realizados com a literatura nas escolas, para abrir possibilidades aos estudantes em ampliar suas atividades de leitura, produção de textos e análise linguística.

Nesse sentido, o presente trabalho se situa no âmbito dessa iniciativa para que a partir da análise do livro, seja possível investigar como este gênero vem sendo trabalhado em sala de aula. Contudo, tendo como objeto de estudo o livro *Português: Linguagens: volume 1*, de Cereja e Magalhães, um livro que congrega textos das mais variadas tipologias dando suporte para a leitura de textos verbais e não verbais, como o cinema e a pintura, oferecendo condições para produzir de maneira adequada e segura, textos verbais, orais e escritos, de gêneros diferentes como, um seminário, debate, relatório científico, carta argumentativa de reclamação, anúncio publicitário, texto dissertativo-argumentativo para o vestibular, poemas, etc., nos deixa acreditar que no final do curso o aluno estará sintonizado com a realidade e preparado para enfrentar os desafios que o mundo oferece.

Dessa forma, ao analisar de maneira minuciosa o tratamento dado à poesia neste livro e mostrar a forma que ela está sendo trabalhada em sala de aula, significa conduzir o trabalho do professor a um resultado concreto que possibilite a produção do conhecimento da beleza estética ou da sua utilidade para a prática cotidiana. Assim, ao contemplar as atividades que seguem, torna-se possível visualizar as falhas que persistem nos livros didáticos quanto ao tratamento dado à poesia e refletir sobre os equívocos na realização do fazer poético, conforme podemos observar abaixo:

Escrevendo com expressividade

A denotação e a conotação

Leia o poema a seguir, de Adélia Prado, e responda às questões propostas.

Explicação de poesia sem ninguém pedir

Um trem-de-ferro é uma coisa mecânica,
Mas atravessa a noite, a madrugada, o dia
Atravessou minha vida,
Virou só sentimento

(Poesia reunida. São Paulo: Siciliano, 1991. p. 48.)



1. A expressão *trem de ferro* é conceituada, no 1º verso, como "coisa mecânica". No caso, ela está sendo empregada com o seu sentido comum ou com um sentido figurado?
2. Compare estas frases:

O trem de ferro atravessou a rua, enquanto os carros esperavam.

[O trem de ferro] "atravessa a noite, a madrugada, o dia"

[O trem de ferro] "atravessou minha vida, virou só sentimento"

- a) Em qual delas o verbo *atravessar* foi empregado com seu sentido comum, encontrado no dicionário, que é "transpor, passar para o outro lado"?
 - b) Em qual delas esse verbo ganha um sentido figurado, completamente diferente do seu sentido comum?
 - c) Qual é esse sentido figurado?
3. No 2º verso, a palavra *mas* introduz uma idéia de oposição em relação a outra idéia anteriormente expressa. Quais são as idéias que estão em oposição?
 4. O poema inicialmente parece querer conceituar o que seja um *trem de ferro*. No entanto, pelo título se nota a intenção de conceituar a própria poesia.
 - a) Dos dois sentidos que *trem de ferro* apresenta no poema, qual deles se aproxima do conceito de poesia para a autora?
 - b) Levante hipóteses: Qual deve ser, então, o conceito de poesia para a autora?

Figura 1: Atividade proposta pelo livro didático - Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2005.

Diante da atividade 1, pode-se perceber que o estudo da poesia, está voltado apenas para a denotação e conotação que fica explícito na primeira e na segunda questão, quando os autores conduzem o leitor sobre o sentido comum ou o sentido figurado da expressão *trem de ferro* e do verbo *atravessar*. Na terceira questão, é possível visualizar uma inadequação do estudo da poesia, conforme apresentado no capítulo anterior, pois o poema *Explicação de poesia sem ninguém pedir*, na página 44, está voltado para o estudo da gramática, pois a palavra *mas* é trabalhada para refletir sobre a ideia de oposição que ela exerce no texto. Já na quarta e última questão o aluno é induzido a refletir apenas sobre os dois sentidos: o comum e o figurado, que estavam sendo discutidos durante toda a atividade, mas faltou explorar


mais sobre o prazer estético e conduzir o leitor aos inúmeros sentidos que o poema pode apresentar.

Nessa perspectiva, diante da situação apresentada, pode-se perceber que a poesia jamais despertará o encantamento e o entusiasmo nos alunos e, conseqüentemente, não poderão usufruir dos benefícios que a leitura poética proporciona.

Outro aspecto a ser analisado é a poesia contida na letra da canção *Dois rios*, de Samuel Rosa, Lô Borges e Nando Reis (p.46):

Leia a letra da canção "Dois rios", de Samuel Rosa, Lô Borges e Nando Reis. Se possível, ouça a composição, que se encontra no CD *Cosmotron*, do grupo Skank, e responda às questões de 3 a 6.

Dois rios		
<p>O céu está no chão O céu não cai do alto É o claro, é a escuridão</p> <p>O céu que toca o chão É que vai no alto Dois lados deram as mãos</p> <p>Como eu fiz também Só pra poder conhecer O que a voz da vida vem dizer</p> <p>O sol é o pé e a mão O sol é a mãe e o pai Dissolve a escuridão</p>	<p>O sol se põe se vai E após se pôr O sol renasce no Japão</p> <p>Eu vi também Só para poder entender Na voz a vida ouvi dizer</p> <p>Que os braços sentem E os olhos vêem Que os lábios sejam Dois rios inteiros Sem direção</p>	<p>Que os braços sentem E os olhos vêem Que os lábios beijam Dois rios inteiros Sem direção</p> <p>E o meu lugar é esse Ao lado seu, no corpo inteiro Dou o meu lugar pois o seu lugar É o meu amor primeiro O dia e a noite as quatro estações <small>(Sony Music, 2003.)</small></p>



3. A letra da canção apresenta várias *relações binárias*, isto é, pares de elementos que se aproximam ou se opõem. Identifique no texto:
 - a) elementos que estejam em oposição;
 - b) elementos que formem um tipo de relação binária diferente.
4. A linguagem da canção apresenta bastante sonoridade. É o caso, por exemplo, da sonoridade criada pela repetição do som /s/ (lê-se *cê*) das palavras *céu, só, sol, dissolve, se, após, renasce, braços e sentem*, entre outras. Com base na 5ª e na 6ª estrofes, identifique outras repetições sonoras.
5. A letra da canção faz uso da *conotação* em diferentes situações. É o caso, por exemplo, da caracterização do sol feita na 4ª e 5ª estrofes. Dê uma interpretação coerente a esses versos.
6. A expressão "dois rios inteiros" também foi empregada conotativamente e constitui um dos elementos básicos para a interpretação da letra.
 - a) O que ou quem representa os dois rios?
 - b) A relação existente entre os dois rios pode ser compreendida a partir das outras relações binárias mencionadas na canção, como céu e chão, claro e escuridão? Explique por quê.

Figura 2: Atividade com música. Fonte: CEREJA;MAGALHÃES, 2005.

Nessa atividade, são discutidas as *relações binárias*, a sonoridade da linguagem e a conotação contidas na letra de canção, *Dois rios* e, mais uma vez, pouco se trabalha a letra de música de forma a conduzir o estudante para uma reflexão poética, enfim, para seus inúmeros sentidos, conforme citado no I capítulo.

Não obstante às análises realizadas, não se pode negar que o corpo docente precisa refletir sobre os equívocos praticados na realização das atividades com a poesia em sala de aula, pois de acordo com Marisa Lajolo:

É fundamental que exercícios e atividades trabalhem elementos do texto que contribuam para um relacionamento mais intenso dos alunos com aquele texto particular e que, como uma espécie de subproduto da atividade ou do exercício, fique inspiração e caminho para o inter-relacionamento daquele texto com todos os outros conhecidos daquele leitor e – lição maior! – a intuição da quase infinita interpretabilidade da linguagem de que os textos são constituídos. (LAJOLO, 1993, p. 51)

Continuando o percurso de análise da poesia no livro didático, nos exemplos que se seguem são utilizados trechos de poemas para o estudo da língua, o que possibilita o aprendizado do conteúdo estudado, porém, para a análise estética ou *fruição*. Dessa forma, por desconhecer o poema na sua íntegra, fica difícil refletir sobre os inúmeros sentidos que o texto proporciona, é o que ocorre na página 62 e 63, veja:

Antítese

Leia estes versos:

O sonho de um céu e de um mar
E de uma vida perigosa
Trocando o amargo pelo mel
E as cinzas pelas rosas
Te faz bem tanto quanto mal
Faz odiar tanto quanto querer.
(Charly Garcia)

Observe que o eu lírico emprega palavras que se opõem quanto ao sentido: *céu* se opõe a *mar*, *amargo*, a *mel*; *bem*, a *mal*; *odiar*, a *querer*. Temos, nesses casos, **antíteses**.

Antítese é a figura de linguagem que consiste no emprego de palavras que se opõem quanto ao sentido.

Paradoxo

Veja nos versos a seguir, de Camões, como o amor é conceituado:

Amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer.

Os enunciados, nesses versos, apresentam elementos que, apesar de se excluírem mutuamente, se fundem, constituindo afirmações aparentemente sem lógica. Esse tipo de expressão constitui o **paradoxo**.


Paradoxo é a figura de linguagem que consiste no emprego de palavras que, embora opostas quanto ao sentido, se fundem em um enunciado.

Personificação ou prosopopéia

Leia os versos a seguir, do poema *Vozes d’África*, de Castro Alves:

Minhas irmãs são belas, são ditosas...
Dorme a Ásia nas sombras voltuosas
Dos haréns do Sultão
[...]
Mas eu, Senhor!... Eu triste, abandonada,
Em meio dos desertos esgarrada,
Perdida março em vão!

ditosa: feliz, venturosa.
volutosa: sensual, deleitosa.



Nos versos, o continente africano, assumindo um papel feminino, lamenta a sua sorte ao comparar-se com os demais continentes, aos quais chama *minhas irmãs*. Nesse caso, o eu lírico personifica o continente africano, ao atribuir-lhe uma ação — a de lamentar — própria dos seres humanos.

Nas fábulas a personificação é abundante, uma vez que nelas os animais ganham características humanas: falam, pensam, brigam, têm sentimentos, emoções.

Personificação ou prosopopéia é a figura de linguagem que consiste em atribuir linguagem, sentimentos e ações próprios dos seres humanos a seres inanimados ou irracionais.

62

Figura 3: Fragmentos de poemas. Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2005.

Hipérbole

Leia estes versos, de Caetano Veloso:

Queria querer gritar setecentas mil vezes
Como são lindos, como são lindos os burgueses!

Observe que o eu lírico, com a intenção de impressionar o interlocutor, exagera ao dizer o número de vezes que queria querer gritar como são lindos os burgueses. Nesse caso, temos a **hipérbole**.

Hipérbole é a figura de linguagem que consiste em expressar uma idéia com exagero.

Eufemismo

Leia estes versos, de Manuel Bandeira:

Quando a Indesejada das gentes chegar
(Não sei se se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo.

Talvez sorria, ou diga:
— Alô, inludível!

caroável: carinhosa, afetuosa, meiga.
inludível: que não se pode iludir.

Negro ou pessoa de cor?
Durante muito tempo a qualificação “moreno” ou “de cor” foi uma forma eufemística de referir-se a pessoas da raça negra. Nas últimas décadas, entretanto, os movimentos negros brasileiros têm combatido essa forma de tratamento: entendem que, por trás do eufemismo, há um preconceito, ou seja, seria “feito” atribuir a alguém a característica “negro”, como se ela fosse sinônimo de inferioridade. Atualmente, os negros orgulham-se de ser considerados negros, porque, além da cor, essa palavra identifica a raça e a cultura a que estão historicamente ligados.

Certas palavras, quando empregadas em determinados contextos, são consideradas desagradáveis, ou por apresentarem uma idéia muito negativa ou por chocarem quem ouve. Por isso, muitas pessoas as substituem por palavras ou expressões mais suaves, mais delicadas, que, embora tenham o mesmo sentido, causam menor impacto. É o caso, por exemplo, do emprego de *falecer*, *entregar a alma a Deus*, *descansar*, etc. no lugar de *morrer*.

Nesses versos, Manuel Bandeira refere-se à morte empregando a expressão *Indesejada das gentes*. Essas formas mais suaves e delicadas utilizadas para transmitir idéias desagradáveis ou chocantes são chamadas **eufemismos**.

Eufemismo é a figura de linguagem que consiste no emprego de uma palavra ou expressão no lugar de outra palavra ou expressão considerada desagradável ou chocante.

Ironia

Leia estes versos, do poeta português Fernando Pessoa:

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.
[...]
Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?

Observe que o eu lírico é irônico nesses versos, quando critica a pretensa “perfeição” de todas as pessoas que conhece.

Ironia é a figura de linguagem que consiste em afirmar o contrário do que se quer dizer.

63

Figura 4: Uso de poemas no ensino gramatical. Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2005.

Nessa perspectiva, exemplificar as figuras de linguagens utilizando trechos de poemas, é necessário, mas, para o estudo da poesia em sala de aula revelariam uma discrepância com o estudo da gramática e da poesia, esta por sua vez, precisaria ser estudada na sua íntegra, fazendo as leituras e análises que pudessem dar conta da especificidade estética e não de forma fragmentada para o estudo gramatical.

Nesse sentido, o livro didático de Cereja e Magalhães satisfaz os requisitos de qualidade por contemplar uma variedade de textos literários e poéticos que se encontram sempre contextualizados, porém, em alguns momentos deixam a um segundo plano a leitura estética e a *fruição*.

Vejo, então, que a ideia de Lajolo (1993), de que a poesia é uma frágil vítima da escola é um exemplar de que o estudo da poesia, mesmo tendo sofrido relevantes mudanças ao longo do tempo, a relação existente entre *literatura e escola* especialmente *poesia e escola* continuam a se desencontrar.

3 VIVENCIANDO A POESIA NA ESCOLA

3.1 ESCOLA X POESIA

Observar o gênero poema em sala de aula tornou-se uma necessidade para desenvolver nos alunos habilidades que os ajudem a compreender o verdadeiro sentido que esse gênero pode oferecer durante o período estudantil ou até mesmo fora da escola.

Nessa perspectiva, Helder Pinheiro (1995) confirma, através das suas experiências em sala de aula, a relevância da poesia e diz que um dos problemas encontrados é que, “de fato, a maioria dos professores de Português e Literatura não procura despertar o senso poético no aluno, não se interessa por uma educação da sensibilidade de seus alunos”. Além desse, ele expõe outros percalços que se pode encontrar na hora de trabalhar com esse gênero, mas, também apresenta inúmeras estratégias para que ela permaneça no universo escolar e garante que, independentemente da situação, é possível trabalhar com a poesia na sala de aula.

Nesse sentido, a pesquisa aqui pensada tem um caráter investigativo e serve para confrontar as informações obtidas por pesquisadores com as que ocorrem nas escolas de nossa cidade, para que dessa forma se possa levar o corpo docente para uma reflexão sobre suas práticas no tratamento dado à literatura, especificamente o gênero poema. Assim, os Estágios Supervisionados III e IV deram-me suporte para melhor conhecer a prática docente na Escola Frei José da Encarnação e no Colégio Luís Eduardo Magalhães.

Diante das experiências que obtive nas duas escolas, posso fazer um breve relato sobre os dois estágios e comentar sucintamente de que forma as professoras trabalhavam com a disciplina de Língua Portuguesa.

No Estágio III, ficou explícito que o material didático utilizado para o estudo da língua, de poemas e a realização das atividades era retirado somente do livro didático, em nenhum momento foi percebido o uso de outros recursos, ou seja, o discurso da professora estava voltado apenas para as instruções contidas no manual didático. Assim, ao analisar o livro *Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos*, ficou claro que a prática da professora pode ser considerada como

um ritual que, Ana Claudia da Silva², Magali Elisabete Sparano³, Rosimeire Carbonari⁴ e Maria Stella Aoki Cerri⁵ explicam que esse ato é um

Ritual entendido não como código simbólico que dá significado a eventos da vida cotidiana de uma determinada comunidade, mas ao contrário, como cristalização de ações sem muito sentido, sem finalidade clara e motivadora, que se repetem indefinidamente ao longo dos anos escolares (*apud*, LIGIA CHIAPPINI, 2007, p. 78).

Com essa postura, perde-se a qualidade do ensino ministrado na escola, pois, para garantir o aprendizado, o professor deve estar atento às diversas formas de trabalhar o conteúdo do manual didático utilizando outros recursos. Porém, no Estágio IV, a professora também utilizava o livro didático, mas diversificava suas atividades com vídeos, debates e seminários. Dessa forma, os alunos demonstravam mais interesse e participavam das aulas que, conseqüentemente reforçava o aprendizado.

Nessa perspectiva, atendendo a proposta do currículo obrigatório do curso de Letras Vernáculas, o estágio III foi o ponto inicial para despertar o interesse em realizar uma pesquisa voltada para o estudo do gênero poema. Esse estágio foi realizado no Grupo Escolar Frei José da Encarnação, com carga horária de 40hs, iniciado no dia 17 de maio e encerrado no dia 5 de julho de 2010. Nesse sentido, o plano de unidade apresentado pela professora Roberta de Souza⁶, contribuiu para a elaboração de um projeto voltado para o estudo do gênero poesia, pois esse seria o conteúdo estudado na unidade, possibilitando a preparação de um material de trabalho que desenvolvesse a capacidade para a produção de textos poéticos e a reflexão sobre os mesmos.

Atendendo a essa proposta, busquei trabalhar poemas que tivessem uma linguagem clara para facilitar a compreensão e um discurso que despertasse o interesse do aluno, relacionando com os acontecimentos históricos, como: “*Canção*

² Bolsista de iniciação científica – CNPq.

³ Bolsista de aperfeiçoamento – CNPq.

⁴ Bolsista de aperfeiçoamento - CNPq.

⁵ Pós-graduanda – Educação – PUC – SP.

⁶ Nome fictício da Professora Regente do Grupo Escolar Frei José da Encarnação.

do *Exílio*” de Gonçalves Dias, proporcionando uma atividade com a paródia; “*Lembrança do mundo antigo*” de Carlos Drummond de Andrade, sendo necessário lançar uma discussão coletiva para desenvolver a capacidade de elaborar suposições antecipadas sobre o texto, proporcionando a familiarização com o conteúdo. E ainda, ao sentir necessidade de esclarecer a diferença entre texto em verso e em prosa, poema e poesia, foi possível trabalhar com imagens, cartas, letras de canção e estilos inovadores como os poemas concretos.

Trabalhar a poesia em sala de aula de forma descontraída e prazerosa requer empenho e dedicação, por isso lancei mão de textos que pudessem inicialmente suscitar a alegria, descontração, diversão e com uma linguagem clara e precisa para facilitar a análise e a compreensão.

Assim, dentre tantos benefícios que a poesia traz ao ser humano pode-se afirmar que ela possibilita ao sujeito analisar, refletir e compreender as diversas formas de ver o mundo, interpretá-lo e nele atuar. Dessa forma, analisá-la de maneira minuciosa representada no livro didático e como ela está sendo trabalhada em sala de aula tornou-se um desafio muito grande.

Nesse sentido, segundo Afonso Romano de Sant’Anna (2009, p.157), ao trabalhar com a poesia é preciso entender que:

1. há pessoas que nascem com uma sensibilidade específica para a palavra e desde cedo têm natural intimidade com formas poéticas;
2. há pessoas cuja sensibilização poética pode ser despertada através de cursos e oficinas;
3. há pessoas avessas à poesia, seja por problema de educação, seja até por questões de configuração cerebral.

Portanto, é inegável que numa turma diversificada não pudesse existir algum tipo de questionamento por parte dos alunos. Posso então aqui relatar as dificuldades que tive para trabalhar o conteúdo, em que a maioria manteve-se resistente para ler, comentar e produzir poemas. Desta forma, com a árdua tentativa de regatar o gosto pela leitura e escrita, foi iniciado um trabalho com textos diversos, buscando estimular o gosto e o prazer da leitura, discutindo e redescobrimo de maneira lúdica e proficiente, o mundo poético no qual estamos inseridos.

Nesse prisma, dentre os textos trabalhados em sala, este merece destaque: “*O poeta sapateiro*” de Antonio Aurélio de Moraes publicado na Revista *língua*, 2010, p.46, o qual conta a história de vida do sapateiro de 82 anos. Conseguiu se

alfabetizar aos 45 e, foi a partir de então, que começou a registrar no papel os seus poemas, e que devido ao tempo que ficou sem ler e escrever sentia dificuldades em compor de acordo com a norma culta, pois os seus inscritos seguem o estilo da variante caipira. Publicou o seu primeiro livro “*Versos de um Lambe-sola*”, em 1981, sendo reeditada em 1991, e foi através da venda das edições que ele comprou a sua primeira casa de tijolo e telhas, pois sempre viveu em casebres de taipa e chão batido.

Com o estudo desse texto em sala, os alunos demonstraram interesse por conhecer melhor esse poeta, abrindo espaço para grandes discussões, até porque, foi através da sua lição de vida que foi possível mostrar aos alunos que para ler e escrever, não existe hora nem idade, existem sim, marcas que o tempo não apaga, pela falta dos estudos ao longo de sua vida ficou prejudicado por sentir dificuldades em dominar as normas gramaticais. Aproveitando o ensejo, foi solicitada aos alunos a produção de um texto poético, contendo a mesma linguagem utilizada pelo poeta Antonio Aurélio de Moraes. Durante a aula, ficou claro que ao produzir um texto com a linguagem coloquial, especificamente com o dialeto caipira, os alunos demonstravam habilidades e total domínio com a escrita.

Diante das experiências descritas acima, foi através do Estágio IV realizado no Colégio Luís Eduardo Magalhães, com carga horária de 30h, iniciado no dia 13 de outubro e encerrado no dia 29 de novembro de 2011, que pude aprofundar ainda mais a minha pesquisa sobre a poesia. Durante esse período, pude estabelecer uma relação entre a teoria e a prática, observando as mudanças ocorridas ao longo do tempo, no que concerne à forma em que os conteúdos de língua e literatura são trabalhados na escola, como também, refletir sobre o papel do professor na arte de ensinar, para que dessa forma pudesse desenvolver a capacidade de compreender, interpretar e explicar a realidade que permeia a sala de aula.

3.2 ALUNO X POESIA

A pesquisa aqui relatada foi realizada no Colégio Luís Eduardo Magalhães, em uma turma de 1º ano do Ensino Médio. Dessa forma, sentindo necessidade de

absorver informações e conhecer melhor a opinião dos alunos sobre a Literatura e a poesia, bem como verificar o interesse e a aceitação de cada estudante para trabalhar com esse gênero, tornou-se necessário aplicar um questionário contendo as seguintes questões:

1. Em sua opinião, o que é literatura? E qual a sua importância?
2. Você gosta de literatura (gênero poesia)? Justifique sua resposta.
3. Você estudou poesia nos anos anteriores? Como era feito esse estudo?

Com as respostas da primeira questão, pude perceber que alguns alunos associam a literatura ao estudo pragmático, conforme apresentado a seguir:

“é um modo das pessoas entenderem um pouco as coisas.”

“é um estudo de livros, poesias e etc. ela tem uma grande importância para nós entendermos os poemas.”

“é um estudo oral que você faz sobre algum tema, imagem, ou arte como a arte Barroca”.

“é um estudo de livros; É muito importante para aprendizagem e melhora a leitura das pessoas.”

“a literatura é a historia que passou a algum tempo como se fosse um conto uma lenda.”

“textos na minha opinião não tem importância nenhuma”.

“uma forma de exprimir sentimentos e ideia. Para ficar bem consigo mesmo.”

Portanto, diante dessas respostas, é notável que o aluno jamais irá se encantar com a Literatura, pois atribui à disciplina, como uma das formas de aprimorar a leitura, estudar as escolas literárias, o passado, esquecer os problemas, como forma de descontração e há ainda, os que não dão importância para esse tipo de estudo. Nesse sentido, percebe-se que o aluno estuda a disciplina por obrigação ou por que consta na grade escolar e, poucos são os que atribuem à literatura, uma forma de contribuir para o crescimento intelectual. São respostas que refletem o estudo equivocado da literatura ao longo da vida estudantil.

Quanto à segunda questão “Você gosta de literatura (gênero poesia)? Justifique sua resposta.”, veja o resultado abaixo, são respostas que se repetem pela maioria dos alunos:

“não. porque eu não gosto de ler.”

“não muito, já tentei criar mas nem sempre consigo.”

“não. pois é tudo muito monótono e chato.”

“não, porque nunca gostei de ler”

“mais ou menos, não sou de ler muito mas o pouco que eu leio não tenho muita dificuldade em analisar imagens ou temas literários.”

Diante das respostas acima, percebe-se que os alunos não sabem apreciar uma leitura poética e isso é apenas reflexo da forma como eles estudaram a Literatura ao longo dos anos.

Quanto a terceira e última questão, o resultado foi o seguinte:

“não se estudei não lembro.”

“Sim cada pessoa escolhia uma poesia e interpretava.”

“Sim. Primeiro estudamos a história dos autores, e o que parcialmente os motivaram a inspiração. Depois partimos para a aula de interpretação das poesias.”

“Sim. Da forma mais chata possível.”

“Sim. Estudava a estrutura da poesia/como ela era formada/, e fazia a interpretação dela.”

“Fazia trabalhos, exercícios.”

Diante disso, fica uma pergunta: por que essa aversão à poesia? As razões de tais resultados só confirmam o que teóricos e pesquisadores abordam em seus textos, quando dizem que a utilização da literatura nas escolas vem ocorrendo de forma equivocada contribuindo para que o aluno desconheça a especificidade de um texto literário, e também não consiga atribuir-lhe sentido acreditando que este sirva somente como algo a ser admirado. Portanto, torna-se imprescindível uma (re) análise do papel do professor no ensino de Literatura para desfazer a imagem de que o texto literário é objeto do zelo e do culto, viabilizando o universo de

interpretação e de representações socioculturais que integram o sujeito-leitor ao mundo.

É sabido que o professor de Língua Portuguesa tem um papel relevante para aproximar os alunos do mundo literário, principalmente do gênero poesia, seja através da imagem, letra de música, cartas, etc., pois, de acordo com Cereja e Magalhães, “*as palavras, [...], não circulam entre nós como folhas soltas no ar. Elas são organizadas em textos, por meio dos quais podem criar significados capazes de transmitir ideias, sentimentos, desejos, emoções*”. (CEREJA. MAGALHÃES, p. 69).

Portanto, conforme o plano de unidade apresentado pela professora Claudia Menezes⁷, e de acordo com o conteúdo: O Arcadismo no Brasil, foi possível preparar um projeto que viabilizasse estratégias lúdicas, através da utilização de textos imagéticos que desenvolvesse a capacidade para a produção de textos poéticos, reconsiderando o uso e a aplicação da ortografia e da leitura dentro do processo de construção da língua e da linguagem literária.

Diante das experiências vivenciadas no Colégio Luís Eduardo Magalhães, na oportunidade que tive de apresentar o projeto à turma e ao falar que iríamos trabalhar com poesia, ficou explícita a insatisfação e resistência da maioria dos alunos, alegando as dificuldades que tinham para produzir. Nesse sentido, as aulas iniciadas precisariam ser dinâmicas para despertar o interesse pelo conteúdo. Portanto, foi levado para a sala de aula, letras de música com uma linguagem simples e clara como: “*Vida boa*” de Victor e Léo, “*Casa no campo*” de Elis Regina, “*Casinha de sapê*” com Kid Abelha e imagens para serem mostradas em uma TV pendrive e, todos os alunos participaram da aula cantando a música e discutindo sobre os elementos do Arcadismo ali contidos.

Portanto, levando em consideração os entraves para colocar em prática o projeto de estágio, foi necessário aplicar algumas questões de caráter subjetivo para avaliar a opinião de cada um sobre a literatura especificamente o gênero poema e, ficou claro que a maioria não gosta desse gênero. Mas, no decorrer das aulas, trabalhando com poemas, músicas e imagens do Arcadismo e a poesia que neles existem, a turma foi se envolvendo de forma gradativa e, como afirma Lajolo, a

⁷ Nome fictício da Professora Regente do Colégio Luís Eduardo Magalhães.

qualidade do texto a ser trabalhado com os alunos é de grande relevância, mas não basta, pois deve existir uma interação entre o leitor e o texto, ou seja, “*precisam participar de uma mesma esfera de cultura*” (LAJOLO, 1993, p. 45).

Nesse sentido, para envolver os alunos no mundo poético, torna-se necessário selecionar os textos de forma cautelosa, porém, deve-se observar a maneira como se trabalha os poemas em sala de aula, pois muitos docentes se distanciam de uma leitura descontraída e prazerosa deixando de priorizar os elementos essenciais ao que seria uma análise poética e acabam transformando essa leitura em algo enfadonho.

Nesse prisma, Lajolo nos remete a uma reflexão, no que diz respeito à forma em que os textos poéticos devem ser estudados. Pois, torna-se necessário que eles estejam sujeitos a inúmeras interpretações, para que assim os alunos possam sentir mais próximo de si, o significado geral do texto que está sendo estudado, e que tanto os exercícios quanto as atividades contribuam para aproximar os textos com a realidade do grupo.

Desse modo, não se deve trabalhar poemas especificamente para a classificação de épocas ou estilo, mas proporcionar ao alunado a capacidade de interpretar e compreender a mensagem que o poeta transmite entre os versos, utilizando estratégias lúdicas envolvendo recursos tecnológicos para estimular o gosto pela escrita e ajudar os alunos a produzir seus próprios poemas, fazendo com que eles percebam que escrita é uma ferramenta importantíssima para expressar os pensamentos e aproximá-los da linguagem poética. E, para que isso aconteça de fato, cabe aos professores estarem preparados para enfrentar as mudanças sociais e comportamentais que as novas tecnologias e o mundo globalizado proporcionam. Atendendo a essa proposta, foram trabalhados textos poéticos do próprio livro didático *Português Linguagens* de William Roberto Cereja e Tereza Cochar Magalhães, um livro que possui uma linguagem clara e precisa e que tem uma relação com o nosso contexto social.

De acordo com Bernardi (1999) “a Literatura é uma arte e, como tal, exprime os anseios, as emoções, o estado de espírito do autor da obra literária”. Nesse prisma, trabalhamos com poemas árcades como: “Marília de Dirceu” de Tomás Antônio Gonzaga, “Soneto” de Cláudio Manoel da Costa e a biografia de cada um,

entre outros, deixando explícito que é impossível estudar literatura dissociada de um povo, de uma civilização, pois ela deve está concomitantemente ligada aos fatos históricos, políticos, sociais e econômicos, dos quais os poetas fazem parte. Nesse sentido, o Arcadismo no Brasil foi trabalhado de tal forma, que apontasse para os principais acontecimentos da época, a importância do movimento árcade e a sua contribuição para as mudanças ocorridas no Brasil do século XVIII.

Tendo por base o conhecimento de que a poesia vem sendo estudada de uma forma equivocada, no qual se distancia desse mundo lúdico e divertido, explicitado no texto de Marisa Lajolo (1993, p.41-51), procurei trabalhar a poesia de forma descontraída e prazerosa dispondo-me de textos diversos, seja na música, na imagem ou no texto escrito, buscando suscitar o gosto e o prazer da leitura e mostrando a beleza que o mundo poético proporciona. Assim, mesmo encontrando empecilhos para trabalhar o conteúdo, devido à resistência dos alunos alegando ter dificuldades para produzir, ler e comentar textos poéticos, foi possível aplicar o projeto, depois de envolvê-los com a poesia e aprofundar a reflexão sobre o conteúdo estudado. Desta forma, com a árdua tentativa de resgatar o gosto por essa leitura, comecei o meu trabalho utilizando textos que tivessem uma linguagem clara e precisa para facilitar a análise e a compreensão.

Nesse prisma, foi solicitada aos alunos a produção de um texto poético, que pudesse apresentar um dos estilos literários estudados em sala, fosse ele: épico, lírico, satírico ou encomiástico, para ser divulgado através da leitura oral. Nessa ocasião, ficaram explícitas as dificuldades dos alunos para produzir seus textos, mas durante as aulas, as orientações foram acontecendo de acordo com o grau de dificuldade que cada um apresentava. Assim, os alunos foram adquirindo paulatinamente mais habilidade e maior domínio com o texto poético. Contudo, ao adquirir a autoconfiança na escrita, eles conseguiram produzir seus textos e apresentá-los no final da unidade conforme a programação.

Nesse sentido, foram selecionados alguns textos para mostrar o resultado final desse trabalho. Seguindo as orientações gerais, as observações que serão feitas nas produções seguintes, não buscam analisar minuciosamente os erros ortográficos ou gramaticais, mas, a capacidade de criação para conduzir o leitor ao

período árcade, valorizando a vida no campo. No poema abaixo, por exemplo, a escolha do título já nos remete ao tema estudado na unidade, observe:

Nome: Gabriel R. da Silva
 O lugar ideal

Dia-a-dia corrido, agitado
 Do de cabeça e nas pernas
 Barulho constante
 E nervosismo total

Ah! Bem seria
 Se eu pudesse sair daqui
 Sei lá,
 "Sair do stress"

Mas, ~~para~~ para onde ir?
 Onde é calma e distante daqui?
 Gostaria de ir pro campo
 Para descansar.

Não é obra, querido amigo?
 É mais feliz aquele que pouco tem
 Para pouco se preocupar,
 Para aproveitar o momento

Aqui encontrei descanso
 Bem seria se todos
 Pudessem, um dia,
 Sentir o que sinto agora

Figura 5: Atividade de produção. Gabriel R. da Silva

Portanto, pode-se perceber que o aluno obteve pontos positivos com o seu texto, ou seja, articulou bem as ideias, principalmente no que diz respeito ao aproveitamento do tempo e do espaço, mostrando a vida estressante das pessoas que vivem na cidade, valorizando a ambientação rural, questionando e convidando o leitor a participar de uma vida mais calma e tranquila no campo. No texto seguinte não apresenta um título, mas mesmo assim o conteúdo que o aluno discorre está completamente sintonizado com o tema trabalhado, veja:

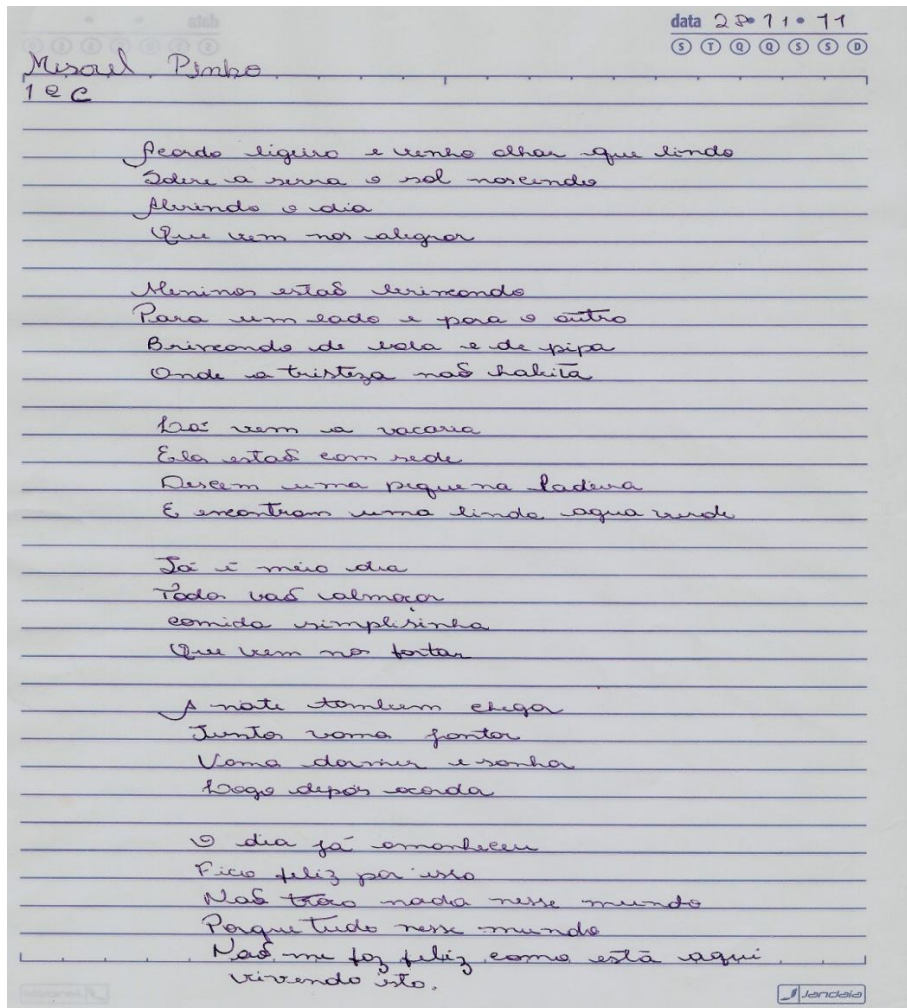


Figura 6: Atividade de produção. Misael Pinho

Nesse texto, o aluno brinca com as palavras e inicia o seu texto valorizando a natureza e logo em seguida descreve a vida no campo. Articula bem as ideias, mostrando a ordem cronológica dos fatos de quando acorda até a hora de dormir. Crianças brincam e correm, animais circulam, fazendo o leitor viajar nesse ambiente rural, mostrando a união da família na hora das refeições o que dificilmente ocorreria na cidade e enfatiza a simplicidade, beleza, tranquilidade e a alegria de viver no campo.

Na produção que segue, há falhas na organização do texto para deixá-lo na estrutura do poema e nem por isso o trabalho foi desvalorizado, observe:

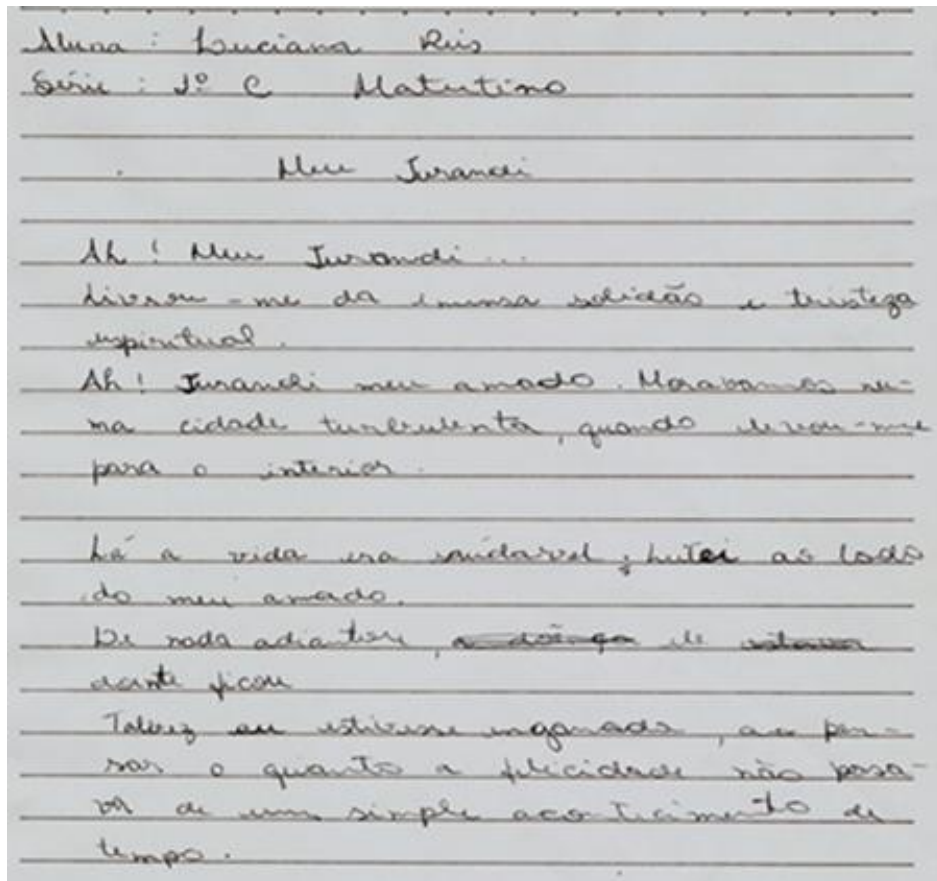


Figura 7: Atividade de produção. Luciana Reis

Trata-se de um texto com poucas linhas, no qual se percebe a tentativa de dividir as ideias articuladas em estrofes, fugindo um pouco da estrutura do poema e, mesmo demonstrando dificuldade para escrever, a aluna também correspondeu às orientações e optou por produzir um texto encomiástico, o qual exalta a pessoa amada. Nessa produção, ela também enfatiza a vida agitada na cidade, ao mesmo instante que valoriza a vida no campo.

Entretanto, vale à pena lembrar que as orientações dadas para a produção dos textos não incluem as regras de pontuação e ortográficas, mas, que esteja associada ao Arcadismo, tema trabalhado na unidade. Portanto, o principal objetivo desse trabalho foi despertar o gosto pela leitura poética e estimular a produção de textos com uma linguagem simples, clara e precisa, que para muitos, estaria longe de acontecer.

É através desses resultados que o professor se sente realizado ao finalizar sua atividade e perceber que os objetivos foram alcançados; é assim, que o trabalho

docente se enriquece e enobrece cada vez mais, na árdua tentativa de fazer o melhor.

3.3 PROFESSOR X POESIA

Diante dos desafios crescentes da nossa sociedade, o professor de Língua no exercício de sua profissão, vê-se diante da necessidade de dialogar com os jovens sobre a cultura, que faz de cada um de nós, um ser histórico e, que essa cultura também pode ser representada através da poesia. Dessa forma, é imprescindível trabalhar os conteúdos com o objetivo de estimular a opinião dos alunos sobre determinados assuntos discutidos na atualidade, pois, segundo Cássia Lopes, “o conhecimento, quando atrelado a uma vontade política, pode constituir-se em ferramenta e oportunidade para se re-inventar” (*apud* RUFINO, 2008, p. 14).

Nesse sentido, devido às experiências em sala, no Colégio Luís Eduardo Magalhães, por meio do Estágio IV, pude perceber que as práticas tradicionais não funcionam o suficiente para “prender” a atenção do aluno e garantir o aprendizado. Assim, o estudo da poesia, quando realizado de maneira apropriada, desperta o interesse dos alunos e ainda estimula a produção de variados textos. Nessa perspectiva, o professor, ao trabalhar esse gênero utilizando poemas, letras de música, imagens, entre outros recursos, viabiliza uma atividade valiosa com a linguagem poética.

Portanto, nesse trabalho, o professor precisa driblar as tradicionais atividades que são diluídas nas escolas e ser o protagonista de uma história na qual se espera elucidar a vontade de ler textos de variadas tipologias, e fazer com que cada leitura poética seja um despertar para novos sentidos, novas reflexões e emoções diversas.

É conveniente ressaltarmos que as proposições de Marisa Lajolo, Helder Pinheiro e Delia Lerner, entre outros teóricos, deixam marcas para uma reflexão mais acurada, no sentido de levarmos para os alunos, a forma mais correta de estudar um texto literário, com o objetivo de estimular a criticidade e a criatividade, o prazer de ler e escrever, pois esta é uma ferramenta de grande relevância para a comunicação, tornando-se necessário despertar a consciência de que a poesia é sempre “*comunicação de alguma nova experiência*”. É dessa forma que tanto o

professor quanto o aluno farão parte de uma mesma realidade, na qual os sentidos, as ideias, as fantasias e as emoções se misturam e se completam.

Nesse sentido, ao trabalhar com as diferentes formas de abordagem ao texto literário, espera-se que os alunos desenvolvam a criticidade, estimulando o gosto pela leitura e reconheçam que a literatura faz parte da vida dos seres humanos e que ela é uma entre outras produções culturais que expressa um modo de ver, de pensar e de sentir, a única capaz de criticar e desnudar a realidade.

Enfim, acredita-se que os alunos consigam expandir o conceito de poesia acerca de novas obras literárias lidas ao longo de sua vida e possam compreender a mensagem dos textos poéticos para perceberem na escrita uma das formas de expressar seus pensamentos, ampliar o conhecimento e sentir que a poesia faz parte da sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura recebeu diversas significações ao longo dos anos, em diferentes épocas e grupo sociais distintos. Nesse sentido, é impossível estudar literatura dissociada de um povo, de uma civilização, pois ela deve está concomitantemente ligada aos fatos históricos, políticos, sociais e econômicos, dos quais fazemos parte. Assim, por reconhecer a importância do gênero poema na vida de cada um de nós e, que é através dele que nos tornamos seres mais críticos e reflexivos, não podemos jamais aceitar que ele seja abortado do ambiente escolar.

Nessa perspectiva, trabalhar conteúdos literários utilizando métodos tradicionais equivocados promove a negação pela poesia, pois como afirma Zappone (2005, p. 208), quando analisada de maneira adequada, ela “constitui um rico material de leitura que, [...], leva o leitor a refletir, a associar ideias, fatos; a inferir, a relacionar dados, enfim, a pensar e fazer ligações entre aquilo que vê e vive na vida, procurando neles sentidos e significados”. É com essa perspectiva de aprendizado que o professor deve estar atento. Portanto, para que a literatura seja melhor apreciada pela comunidade escolar, é necessário não apenas refletir sobre os questionamentos levantados nesta pesquisa, mas que também haja mudança na prática metodológica e compromisso do professor para resgatar o gosto e o prazer de trabalhar com a poesia nas escolas.

Entretanto, foi percebido a carência desse estudo na sala de aula através dos estágios III e IV, bem como a desvalorização por parte dos alunos e a falta de estímulo por parte dos professores favorecendo de fato, o afastamento e aversão aos textos poéticos.

Seguindo a proposta de observar como o gênero poema é trabalhado no livro didático e na sala de aula para despertar o interesse pela leitura de poesias e verificar se a metodologia utilizada pelo manual didático é eficaz, tornou-se um dos principais objetivos desse trabalho. Nessa perspectiva, procura-se através dessa monografia, possibilitar o desenvolvimento de novas estratégias, a fim de colaborar para que a leitura e a escrita tornem-se práticas maduras e adequadas na vida dos

estudantes, contando que haja uma mudança na prática docente, visando à valorização devida da poesia.

Tendo em vista que a aprendizagem é primordial na vida dos seres humanos, o ensino, por sua vez, deve ser lúdico e agradável para garantir o envolvimento dos sujeitos e a percepção da gratuidade que os textos literários proporcionam.

Enfim, para que os propósitos do trabalho educativo com o gênero poético se confirmem, acredita-se que os alunos percebam a importância dessa leitura, vejam através dela, uma das formas de aguçar a criticidade, expressar o pensamento e ampliar o conhecimento e, consigam expandir o conceito de poesia acerca de novas obras literárias lidas ao longo de suas vidas.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria E. G. G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior)
- BERNARDI, Francisco. **As bases da literatura brasileira**. Porto Alegre: AGE, 1999.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONISIO, Angela Paiva (Orgs) . **O livro didático de português: múltiplos olhares**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BRAGA, Patrícia Colavitti. **O ensino de literatura na era dos extremos**. Revista Letra Magna. Ano 03- n.05 -2º Semestre de 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares de Língua Portuguesa**. Brasília: 1998.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEF.2002.
- BRASIL. Secretaria da Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEB, 2006.
- CARVALHO, Maria Angélica Freire. MENDONÇA, Rosa Helena (Orgs). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Português: Linguagens. volume 1**. 5.ed. São Paulo: Atual, 2005.
- CHIAPPINI, Ligia (coord. Geral). **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. 5. ed São Paulo: Cortez, 2007.
- JARAMILLO H, Bernardo. **Comportamento do leitor e hábitos de leitura: comparativo de resultados em alguns países da América Latina**. Disponível em: www.prolivro.org.br/ippl/publier4.0/dados/anexos/2834.pdf. Acesso em: 10 set. 2012.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1993.

LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula.** João Pessoa: Ideia, 1995.

REYES, Yolanda. **Os jovens leem e escrevem bastante, mas têm pouco contato com os livros.** Nova Escola, p. 41, ago., 2012.

RUFINO, João Edson. **Ari Barroso e a invenção do Brasil brasileiro.** Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2008.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores.** -. ed. – São Paulo: Global, 2009.

SOLÉ, Isabel. . **Estratégias de leitura.** 6. ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

SOUZA, Glória Pimentel Correia Botelho de. **A literatura infanto-juvenil brasileira vai muito bem, obrigada!** São Paulo: DCL, 2006.

ZAPPONE, M. H. Y. . **A leitura de poesia na escola.** In: Concepções de linguagem e ensino de língua portuguesa. (Org.) SANTOS, A.R.S & RITTER, LCB. . Maringá: Eduem, 2005.